

GÊNERO TEXTUAL ‘PIADA’: DISCUSSÕES PRELIMINARES

Joaquim Cardoso da Silveira Neto (UFS)

1 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

“O querer-dizer do L se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do L, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado [...] Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos.”

(Bakhtin)

Refletir acerca do gênero textual ‘piada’ é uma tarefa que possui dois caminhos a serem percorridos: o primeiro é aquele em que nós nos encontramos numa situação comunicativa de grande interação entre sujeitos que desejam aumentar a participação interlocutiva dos demais, usando e contando as peripécias de uma determinada piada acerca de qualquer assunto e ou tema; o segundo é aquele em que estamos inseridos numa determinada situação e alguém, numa atitude descontextualizada, profere uma piada de grande mau gosto, a fim, também, de poder inserir-se mais, diga-se de passagem, ‘aparecer’, não obstante, torna-se profundamente inconveniente e preconceituoso.

A piada, como texto de grande circulação social, é mais um de um sem-número de outros gêneros textuais que vivem, revivem, são criados, recriados, transformados na boca do povo. Segundo (BRONCKART, 1999, p. 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

O gênero em questão possui essa função macro de poder atribuir sentidos e significados numa situação sócio-comunicativa específica. O valor social da piada encontra-se na possibilidade de esse texto poder construir contextos outros inalcançáveis dentro de certas circunstâncias comunicativas. É preciso saber usá-la. E isso requer conhecimento e domínio do tipo de piada a ser contada e, principalmente, do momento exato ou não em que ela deverá ser proferida.

Quanto ao conceito de gênero, é possível afirmar convincentemente que ele traz, em si, como bem afirma:

[...] complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação dos gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. (MARCUSCHI, 2008, p. 159)

A partir dessa reflexão construída pelo professor Marcuschi fica fácil perceber toda a gama de diversidade e quase infinidade de gêneros textuais que se movimentam nos âmbitos sociais. Esse movimento dá-se através da necessidade de o sujeito falante poder expressar-se e comunicar-se. Assim, o gênero textual agrega outros tantos valores ao seu conceito, não apenas o conceito de ‘gênero interativo’, mas, sobretudo, de gênero que facilita interlocuções discursivas.

Schneuwly e Dolz (2004) apresentam proposta para a realização de uma classificação ou mesmo uma divisória dos variados gêneros textuais, em conformidade com a organização deles, e ainda conforme suas muitas semelhanças e dessemelhanças, além dos contextos situacionais em que se dá a produção desses gêneros.

Seguindo esse mesmo intuito, o de tentar construir uma espécie de enciclopédia dos gêneros e diante dos argumentos expostos até agora, é importante citar o que diz Maingueneau acerca de uma provável classificação dos gêneros em três grupos bem delimitados e específicos:

- a) Gêneros autorais: são os textos que mantêm um caráter de autoria pelos traços de estilo, caráter pessoal e se situam em especial na literatura, jornalismo, política, religião, filosofia etc.
- b) Gêneros rotineiros: são os comuns de nosso dia-a-dia, tal como aqueles que se realizam em entrevistas radiofônicas, televisivas, jornalísticas,

consultas, médicas, debates etc. Seus papéis são fixados a priori e não mudam muito de situação e neles as marcas autorais se manifestam menos. Têm uma estabilidade institucional bastante definida.

c) Gêneros conversacionais: são os gêneros de menor estabilidade e sem uma organização temática previsível como as conversações. Em seu conjunto, são de difícil distinção e divisão como gêneros em categorias bem definidas. (Apud MARCUSCHI, p. 160)

Concordando com Marcuschi, tratar acerca dos gêneros textuais como se fossem elementos dispostos sobre uma mesa para posterior enumeração ou até mesmo dispor em um bilhete – gênero textual – todos os gêneros numa perspectiva de pura e simples classificação não tem tanto valor científico, mesmo porque os gêneros são tantos e tão múltiplos que fica complicado ao interessado em enumerá-los conseguir desempenhar tal tarefa.

Enfim, os gêneros textuais quaisquer que sejam denotam todos os processos sociais e históricos que se travam no seio social. Isso quer dizer que eles mostram todo um funcionamento das amarras da sociedade e principalmente deixam claro que se papel é, dentro muitos, acompanhar a sociedade e seus sujeitos que a constituem, pois é destes que os gêneros brotam no interior daquela sociedade.

2 PIADA: DA DEFINIÇÃO, DA FUNCIONALIDADE E DAS ANÁLISES

De acordo com Lipps (1898), um chiste é ‘algo cômico de um ponto de vista inteiramente subjetivo’, isto é, ‘algo que nós produzimos, que se liga a nossa atitude como tal, e diante de que mantemos sempre uma relação de sujeito, nunca de objeto, nem mesmo objeto voluntário (ibid., 80). Segue-se melhor explicação por um comentário de que o efeito daquilo, que, em geral, chamamos um chiste, é qualquer evocação consciente e bem-sucedida do que seja cômico, seja a comicidade devida à observação ou à situação’ (ibid. 78)” (Apud Freud)

Definida como uma narrativa breve, parente um pouco distante da short history (histórias curtas ou contos), a piada ou anedota possui, muitas vezes, um desfecho engraçado e, outras vezes, surpreendente, cujo principal objetivo é causar risos em quem a ouve ou faz uma leitura.

Este gênero já foi temática de estudos científicos bem traçados como no caso da obra **O chiste e sua relação com o inconsciente**, de Sigmund Freud. A partir desta obra, Freud dividiu as piadas em dois grupos bem distintos.

O primeiro é o do grupo das chamadas piadas “ingênuas”, que se estruturam e se alicerçam sobre jogos de palavras, com duplo sentido. E por fim, o pai da psicanálise traz os chistes tendenciosos, os quais têm sempre uma postura e uma tendência ao erótico e, por vezes, ao pornográfico ou até mesmo ao preconceituoso de todas as formas.

PIADA 1 – As fantasias de amor

Entre abraços e beijos, o rapaz sussurra para a namorada, com a voz entrecortada de tesão:

- Amorzinho, eu gostaria de realizar uma fantasia sexual com você!
 - E qual é a fantasia?
 - Eu queria gozar no seu ouvido!
 - No meu ouvido? - diz ela, assustada. - Você está maluco, eu poderei ficar surda!
- E ele, sem perder a naturalidade:
- E por acaso você ficou muda?

Nesta primeira piada, pode-se observar que o contexto apresentado ao ouvinte/leitor é o de um alto grau de erotismo, de um relacionamento amoroso. E isso configura-se como o contexto ao qual o leitor/ouvinte se vê como mais um elemento, aquele que vai transformar a piada num mecanismo do riso. Entretanto, para que isso ocorra, ele é levado por certa tendência ao lógico, e depara-se com uma frase que quebra totalmente a sequência que se arma, no momento em que o namorado afirma que “E por acaso você ficou muda?”

O que está claro é que ao passo em que nas primeiras piadas, o humor, o engraçado não estaria no conteúdo, na narrativa ali contada, mas com certeza na surpresa, no espanto, na admiração desencadeada a partir do trocadilho construído propositalmente.

Em contrapartida, no segundo grupo, o humor ou o riso estaria na provocação trazida a público pela “aversão às diferenças ou pela zombaria de estereótipos”, como o negro, o homossexual, a mulher (quase sempre a loira), o nordestino, os religiosos ou os bêbados.

PIADA 2 – O bêbado e o Sermão

O bêbado acompanhava o pastor em sua oração:

- Se vocês orarem com fé, Jesus entra em suas vidas e permanecerá dentro de suas almas.

Deixe que Jesus entre!!!

Nesse momento, o bêbado que estava ajoelhado orando, tão concentrado, nem percebeu quando um cachorro lambeu seu traseiro.

Ele então falou: - Por aí não, Senhor! Por aí, não!

O ouvinte ou mesmo o leitor que for mais um objeto da comunicação da piada, não e não deve, a depender da forma e da performance do piadista, deixar-se levar por preconceitos variados, uma vez que, caso sinta, a piada não desempenhará a função com a qual circula cotidianamente.

É o caso da piada acima, denominada “O bêbado e o sermão”. Nela, o piadista já começa sua pequena narrativa provocando certa expectativa de riso, pois aponta, no título, os dois principais alicerces de seu texto: um bêbado e o sermão. Claro que o surgimento de mais um personagem provoca um alto grau de proximidade entre o leitor e o texto.

Há nesta piada, alguns termos que já indicam o conteúdo e mesmo o sentido duplo do texto. São eles: os verbos ‘entrar e lambe’ e a posição do bêbado ‘ajoelhado’. E o leitor é, por fim, surpreendido pela frase do bêbado “- Por aí não, Senhor! Por aí, não!”. Conotando um aspecto erótico, quase pornográfico, das intenções textuais da piada. Óbvio, que o leitor desabafa seu riso, quando subentende que não se trata do ato sexual em si, mas, pura e simplesmente, de uma situação incômoda, provocada pela lambida do cachorro.

PIADA 3 - Caipiras no Restaurante

Dois caipiras chegam na capital. Eles estavam morrendo de fome e entram num restaurante chique. Não sabendo o que pedir, resolvem imitar o rico que estava na mesa ao lado.

O rico da mesa pede uma entrada. E os dois caipiras:

__ Garçom, pra nós também...

O rico pede um prato todo especial. E os dois caipiras:

__ Garçom, pra nós também...

O rico resolve repetir o prato. E os dois caipiras
__ Garçom, pra nós também...
Vai indo assim e os caipiras ainda tão morrendo de fome.
O rico termina e diz ao garçom:
__ Poderia arrumar-me um engraxate?
Os dois caipiras:
__ Garçom, pra nós também...
O rico ouvindo isto diz aos caipiras:
__ Olhe, meus amigos, eu creio que um engraxate dá para nós três...
Os caipiras imediatamente:
__ Não, senhor! O senhor come o seu, que a gente come o nosso!!!

Por se tratar de um gênero de largo alcance social e utilizado por todos os públicos, a piada tornou-se ‘o gênero’ de todos. Este alcance é devido ao fator de que, em suas linhas, o texto ora tratado aqui ridiculariza ou simplesmente usa designações das minorias, maiorias, negros, brancos, loiras (quase sempre loiras), religiosos.

O que se pode perceber é que a piada, boa parte das vezes, busca um grupo que possua algo que se transforme em humor ao ser introduzido numa narrativa com os elementos da surpresa, do espanto.

No caso da piada acima, os dois protagonistas, são personagens típicos. Dois nordestinos, famintos, os quais, como papagaios, repetem tudo o que outro sujeito ‘rico’ faz pedidos de comidas, em um restaurante. Daí, o leitor/ouvinte da piada será levado ao riso a partir do momento em que os dois nordestinos começam a sistemática da repetição. Esse mesmo leitor estará há muito preparado para rir à medida que e percebe que essas repetições chegarão a certo ponto engraçado.

PIADA 4 - Caipiras no Médico

Um casal caipira foi ao ginecologista. O marido ficou na sala de espera e sua esposa entrou no consultório. O médico, depois de fazer um exame geral, perguntou pra mulher:

__ Você tem orgasmo?
__ Peraí, dotô – responde a mulher, enquanto abre a porta e grita pro marido, na sala de espera:
__ O Dito... Nós temo orgasmo?
__ Não, Cida... Nós tem Gordem Cross!

Possenti (2003) afirma categoricamente que dizer piadas é inextirpável no ser humano, mesmo o mais sensível, o gosto perverso de contar piadas sobre minorias (no Brasil, negros, judeus, portugueses, bichas), grupo já discriminados pela natureza (anões, corcundas, aleijados), pessoas marcadas por características dramáticas (caolhos, capengas, manetas), ou com defeitos ridicularizáveis (gago, fanho, surdo) etc.

Logo abaixo, cita-se uma piada profundamente engraçada, de certa forma, há, nela, um, diga-se de passagem, humor negro, pois um português muito fofoqueiro mata-se para acompanhar de perto, literalmente, o desenrolar de uma cobrança, que parece vai findar no inferno. O leitor da piada é conduzido a perceber que os três personagens são deslocados de sua sanidade, a fim de provocar o espírito do riso. E assim acontece.

PIADA 5 – Dívida de sangue

Não se sabe como, mas um turco conseguiu pegar dinheiro emprestado de um judeu. Acontece que o turco nunca pagava nenhuma de suas dívidas e o judeu nunca deixava de receber o que lhe deviam. O tempo passa, o turco enrolando e o judeu atrás dele. Até que um dia eles se cruzaram no bar de um português e começaram uma discussão. O turco encurralado não encontrou outra saída, pegou um revólver encostou na própria cabeça e disse:

- Eu posso ir para o inferno, mas não pago esta dívida!

E puxou o gatilho, caindo morto no chão.

O judeu não quis deixar por menos, pegou o revólver do chão, encostou na sua cabeça e disse:

- Eu vou receber esta dívida, nem que seja no inferno!

E puxou o gatilho, caindo morto no chão.

O português, que observava tudo, pegou o revólver do chão, encostou na sua cabeça e disse:

- Pois eu não perco esta briga por nada!

Esse momento do riso, em que se manifestam o espírito do humor e, concomitantemente, os múltiplos preconceitos travestidos em certo aspecto humorado. Para que tais espíritos venham à tona, é necessário que haja uma convivência para o humor e que o contador da piada desempenhe e possua uma desenvoltura, ou seja, uma performance, que eleve os risos.

Diante dessa premissa:

A performance refere-se a um momento tomado como presente, a palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. Sendo assim, é um momento de recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido. (ZUMTHOT, 2000, p. 59)

O ser humano é naturalmente dotado da competência de usar a linguagem para interagir com os semelhantes. Essa interação lingüística dava-se, inicialmente através da contação de narrativas ao fim de cada dia de trabalho ou até mesmo de caça. A habilidade em contar fatos reais ou não do cotidiano era uma ferramenta necessária para que a língua tivesse uma funcionalidade e utilidade.

Costa (2005) comenta acertadamente que talvez não haja hábito mais antigo em qualquer ajuntamento humano que o de narrar, relatar fatos, sejam eles fictícios ou não. As narrativas imemoriais terminam sendo o eixo de ligação entre o homem primitivo e o da sociedade urbana ocidental. Seus dramas e necessidades não diferem essencialmente, embora sua cultura os diferencie muito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de gênero textual abarca, como se observou até aqui, uma gama, uma variedade múltipla de textos que circulam por entre grupos social e historicamente constituídos. Estes grupos são, em verdade, aqueles que aparecem, muito fortemente, no interior dos gêneros. Em virtude dessa amplitude, a piada circula desde entre os freqüentadores de um bar a um grupo mais seletivo, como o que freqüenta reuniões mais acadêmicas.

O que fica evidente é que o gênero abordado neste trabalho, a piada, consegue atingir, sarcástica, humorada ou mesmo, em certo aspecto, preconceituosamente (quanto a este aspecto, ele merece análises mais detalhadamente) a todos os públicos, e, ao mesmo tempo, agradar a todos.

Enfim, certamente, a função de um gênero não é e nunca foi fazer o leitor rir, mas, com certeza, mostrar como os textos são utilizados, e como, no caso da piada, há uma grande e clara aceitabilidade, independentemente de seu conteúdo e que sujeito é ridicularizado. E isso requer, como se viu, toda uma preparação para se contar uma

piada, e, dentre os elementos, há o da performance e, junto ela, a recepção por parte do leitor/ouvinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA, Edil Silva. **Comunicação sem reservas**: ensaios de malandragem e preguiça. (tese de doutorado defendida em 2005). São Paulo: PUC, 2005.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análise lingüística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

Zumthor, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trads. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.